

## História, Literatura e Cidade no Romance Chão Vermelho

Clarismar Gomes de Abreu – Mestrando (UFG)

### Resumo

O presente trabalho intenta analisar o romance Chão Vermelho, escrito por Eli Brasiense, ambientado na cidade de Goiânia da década de 50 do século passado. Buscaremos perceber algumas das características desta cidade percebida e vivida pelas personagens e narrador, a fim de compreender aspectos da cidade e a sociedade nos anos iniciais de Goiânia, bem como conviviam com suas contradições e ambivalências. Tentaremos ainda, observar algumas das aspirações dos viventes naquele momento e de que forma suas expectativas de futuro revelam parte de seu presente e passado.

Palavras chave: História, Literatura, Goiânia.

### I.

A cidade é um campo rico em possibilidades quando desejamos observar o social. Tem destaque sua capacidade de aglutinar uma multiplicidade de formas e sensibilidades acerca da experiência humana. Neste sentido, a cidade de Goiânia se apresenta como um rico campo de observação. Destaco o caráter múltiplo da cidade, perceptível desde seu erigir, quando revela que uma cidade não cabe apenas nos esquadros ou rabiscos do planejamento, apesar de seguir algumas dessas orientações. Quero dizer, diferentemente de espaços surgidos sem um planejamento ou idealização e moldados conforme a experiência humana nesse espaço, o que notamos em Goiânia foi um planejamento precedido por uma idealização. Todavia, a cidade perdeu esses traços idealizados e planejados justamente ao se materializar, isto é, quando transcende da prancheta para a terra vermelha. Isto se explica pela experiência humana que em sua multiplicidade não coube nos esquadros de uma cidade planejada para ser lócus do moderno e do progresso.

Para visualizarmos como foi a experiência humana numa cidade em construção e tentarmos recuperar as sociabilidades que permearam esta cidade e quais questões se apresentavam para as pessoas naquele momento histórico, optamos por utilizar a literatura que, a nosso ver, é uma fonte que permite captar de forma ímpar tal experiência humana em determinado espaço-tempo. Acrescenta-se ainda o fato de que a literatura nos revela a multiplicidade do humano em suas inconclusões, conclusões ou contradições.

Concordamos com Pesavento quando afirma que a cidade é materialidade, sociabilidade e sensibilidade. Neste trabalho nossa atenção principal será para o que Ela define como *cidade fruto do pensamento*. Apesar do nome, não se distancia da cidade real, aliás, permite discutirmos até que ponto o pensamento não deixa de ser real. Tal posicionamento se firma na opção por adotar a literatura como lugar de observação do passado e no entendimento da história como uma narrativa de verossimilhança que almeja o real vivido.

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se

revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia.

É, sobretudo, essa dimensão da sensibilidade que cabe recuperar para os efeitos da emergência de uma história cultural urbana: trata-se de buscar essa cidade que é fruto do pensamento, como uma cidade sensível e uma cidade pensada, urbes que são capazes de se apresentarem mais “reais” à percepção de seus habitantes e passantes do que o tal referente urbano na sua materialidade e em seu tecido social concreto. (PESAVENTO, 2007: 14)

A autora concebe materialidade, sociabilidade e sensibilidade comungando num mesmo lugar no espaço-tempo, se inter-relacionando e se interpenetrando. Entrementes, quando da captura destas, a percepção das sensibilidades acerca das demais revela a cidade fruto do pensamento, onde os viventes refletem sobre si e as demais componentes, propiciando um entendimento mais próximo do “real” quando leva em consideração o que não é palpável no sentido de concreto.

Tentaremos alcançar tais cidades a partir de uma representação literária destas. A literatura nos possibilita a partir das personagens e narradores ao pensarem e sentirem a cidade, recuperarmos tal pensar, bem como a materialidade e sociabilidade apagadas. Tal fenômeno de apagamento de rastros do passado pode ser explicado pelas mudanças ocorridas nessa materialidade:

Ora, no caso da cidade passada, por vezes esses rastros – para usar a feliz expressão de Ricoeur – nem sempre estão aparentes, como pegadas a guiar os passos e o olhar do historiador. Com frequência, a transformação do espaço foi de tal ordem, a modernidade implantada tão avassaladora que apagou do espaço materialidade e sociabilidades do passado. (PESAVENTO, 2007: 16)

A literatura revela uma cidade verossímil, permitindo ao historiador se aproximar de cidades passadas e da experiência humana nessas cidades, afinal

Quem duvidaria, por exemplo, da capacidade de um Balzac, Zola, Maupassant, Eça de Queirós, Charles Dickens, Lima Barreto ou Machado de Assis para falar de suas cidades pela via literária? As tramas são imaginadas, os personagens são fictícios, mas o universo do social e a sensibilidade de uma época se revelam diante do leitor de maneira verossímil, convincente. Uma explicação da realidade, realista ou cifrada, realiza-se em comunhão entre o mundo da escrita e o da leitura. Poder-se-ia pensar uma Paris da belle époque, por exemplo, sem que o mundo de Proust fosse ativado? Ou uma São Petersburgo dos czares sem a escrita de Dostoievski ou Tolstoi? E, no terreno da poesia, como não invocar a Paris por Baudelaire, a Buenos Aires por Jorge Luís Borges ou a Porto Alegre por Mário Quintana? (PESAVENTO, 2007: 19)

Segundo Sevcenko, na literatura também estão presentes as tensões existentes na sociedade, tendo em vista que a literatura moderna

É por onde o desafiam também os inconformados e os socialmente mal-ajustados. Essa é a razão por que ela aparece como um ângulo estratégico notável, para a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de uma determinada estrutura social. Tornou-se hoje em dia quase que um truísmo a afirmação da interdependência estreita entre os estudos literários e as ciências sociais. (SEVCENKO, 1999: 20)

Nessas tensões notamos fragmentos e multiplicidades da cidade, de forma que a literatura ao trazer tais sensibilidades aponta a existência de uma cidade múltipla e não homogênea. A literatura é um espaço que recebe nas linhas da escrita as inquietações vividas ou sofridas pelos autores em determinado momento. Segundo Matos,

Contemporaneamente, percebem-se no cotidiano da cidade as tensões urbanas que emergem vivenciadas de forma fragmentada e diversificada por seus habitantes, o que contrasta com as representações nos estudos acadêmicos, técnicos e nas fontes oficiais, nos quais a cidade se apresenta como unidade; na realidade, a cidade se mostra múltipla.

As tensões urbanas surgem como representações do espaço – suporte de memórias contrastadas, múltiplas, convergentes ou não, mas que delineiam cenários em constante movimento, em que esquecimentos e lacunas constroem redes simbólicas diferenciadas. Discursos diversos fazem da cidade lugar para se viver, trabalhar, rezar, observar, divertir-se, misturando-se os laços comunitários e étnicos, criando espaços de sociabilidade e reciprocidade, no trabalho e no lazer, em meio às tensões historicamente verificáveis. (MATOS, 2002: 34-35)

Tais tensões e contrastes presentes na literatura evidenciam uma pluralidade compondo a cidade em oposição às visões que tentam tratar a cidade como uma unidade coesa. Ao contrário dessa coesão o que notamos é que as imagens diversas se cruzam, se interpenetram e as vezes até mesmo se expõem. Para Pesavento,

A cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros. (PESAVENTO, 2002: 9)

Percebendo a cidade em sua multiplicidade enxergamos um lugar plural, um lugar de ambivalência e um lugar onde

Ela é, por um lado, luz, sedução, Meca da cultura, civilização, sinônimo de progresso. Mas, por outro lado, ela pode ser representada como ameaçadora, centro de perdição, império do crime e da barbárie, mostrando uma faceta de insegurança e medo para quem nela habita. São, sem dúvida, visões contraditórias, de atração e repúdio, de sedução e rechaço, que, paradoxalmente, podem conviver no mesmo portador. Essa seria até, como lembra Marshall Berman, uma das características da modernidade como experiência histórica individual e coletiva: a postura de celebração diante do novo, que em parte exerce fascínio e em parte atemoriza. (PESAVENTO, 2002: 19)

Para tentar alcançar essa cidade lugar de ambivalências, multiplicidades e tensões, recorreremos a um romance que ainda não mereceu uma atenção específica acerca dele, no sentido de promover uma abordagem sócio-histórica acerca da sua trama. Existem estudos que trazem referência ao romance, mas notamos a carência de um estudo específico sobre de que forma este pode contribuir e enriquecer a captura da experiência humana na cidade de Goiânia. Trabalharemos com o romance *Chão Vermelho*, escrito por Eli Brasiense na década de 50 do século passado e em 1956 publicado pela Livraria Martins Editora.

O autor do romance, Eli Brasiense, se mudou para Goiânia quando do primeiro congresso de educação do Estado de Goiás, em 1937. Nasceu em 18 de abril de 1915 na cidade de Porto Nacional e faleceu em 1997, em Goiânia. Segundo classificação de Almeida, o romance *Chão Vermelho* compõe o ciclo citadino das publicações do autor:

Para enumerar suas obras podemos estabelecer ciclos aos quais elas se prendem:

- a) ciclo do norte ou do Tocantins: Pium (1940); Bom Jesus do Pontal (1954); Rio Turuna (1964); Uma Sombra no Fundo do Rio (1971); O Irmão da noite (1968).
- b) ciclo citadino: Chão Vermelho (1956)
- c) ciclo filosófico: O Perereca (1973); O Grão de Mostarda (1969); A Morte do Homem Eterno (1970); A Cidade Sem Sol e Sem Lua (1977); Bilhete à Minha Filha na Noite de Natal (1982). (ALMEIDA, 1985: 17)

Apesar do romance Chão Vermelho pertencer ao ciclo citadino não deixa de promover relações com temas alheios à cidade, mas sempre, conforme Almeida, se prendendo na cidade. Neste trabalho abordaremos estes aspectos que ultrapassam a cidade por acreditarmos que tal ultrapassagem ocorre justamente porque ao tentar compreender a cidade é preciso não olhar apenas para si, mas observar para onde esse si também olha tentando se enxergar. Quero dizer, se o campo ou elementos não citadinos perpassam a narrativa do romance indicam que se faziam presentes no cotidiano da cidade.

O romance é ambientado na cidade de Goiânia, ou conforme Nelly Alves de Almeida “*a maior personagem é a cidade nascente, que reúne, em torno de seu surgimento, toda a vida que a levanta e agita.*” (BRASILIENSE, 2002: 33). Para Anatole Ramos, o livro seria “*um guia de Goiânia daqueles tempos*”, que ainda pode ser visualizada:

Mas ainda a visualizamos em muitos de seus trechos. Nos protestos do autor contra a exploração daquele tempo, nas críticas feitas aos novos-ricos, nos ataques velados aos políticos da época (os mesmos de agora, parece) é que vemos o quanto Goiânia pouco mudou intimamente, apesar de haver crescido e assumido o corpo de cidade grande. (BRASILIENSE, 2002: 34)

Segundo Heloísa de Campos Borges, o romance mostra o “*drama existencial da cidade e do sertão*”, onde o romance Chão Vermelho seria

A construção literária do nascimento da cidade de Goiânia. Seguindo ações e sentimentos das suas personagens, o leitor pode acompanhar as peripécias da fundação de uma cidade: o trabalho, a esperança, as desilusões. (BRASILIENSE, 2002: 35)

Neste sentido, Oliveira reforça o caráter privilegiado da literatura para compreensão da cidade e em que medida esta se diferencia de trabalhos acadêmicos e trabalhos carregados de intenções mudancistas:

Não há uma imagem antitética entre Goiânia e a cidade de Goiás, não há um otimismo exagerado em relação ao futuro, não há referências à figura do interventor, nem à Revolução de 30. E o que é mais importante para este trabalho: não há uma tentativa de esconder, nem de resolver a ambiguidade que permeia a vida cultural da cidade. (OLIVEIRA, 1999: 219)

Quanto a essa ambiguidade presente, Oliveira acrescenta que “*não há, em nenhum dos romances, uma definição da cidade que vale para todos – cada imagem é uma definição de uma personagem específica.*” (OLIVEIRA, 1999: 219). Dentre estas personagens que possuem pensamentos contraditórios, muitas vezes ambíguos entre si e vivenciando confusões interiores, notamos no romance de Brasiliense uma característica impressa nas personagens que expressam divisões implícitas, mas presentes, entre heróis e anti-heróis. Chiappini assim trata da questão:

Há personagens que se encaixam no paradigma dos atributos positivos e outros no paradigma dos atributos negativos, ou seja heróis e anti-heróis. Sobre os heróis recai a “tinta emocional”. Por oposição, o anti-herói é representado por todo elemento estranho ao meio, o forasteiro, os exploradores da terra e do homem da região” (citado por PEREIRA, 2002: 8)

Acreditamos desta maneira, na pertinência de abordar o romance, sabemos que a literatura não deixa de ter suas propostas além estéticas, ou seja, o fato de trazer heróis e anti-heróis de alguma forma evidencia uma proposta presente no romance. O que cabe ser observado não como impeditivo, mas como estímulo, haja vista que se uma intenção subjaz na literatura é significativo de uma sensibilidade percebida no sentido de promover essas mudanças. Isto é, quando se separa heróis e anti-heróis se intenta afirmar o heroísmo daqueles pintados como tais. A nosso ver, o romance não se descaracteriza por isso, ao contrário, traz para a tela da história detalhes ainda não visualizados pelo historiador. Isto não significa lançar os livros de história e literatura na mesma estante de uma biblioteca, mas sim perceber que se comunicam.

Desta forma, não acreditamos ser possível afirmarmos que tenha existido O Joviano, O Binduca ou O Dr. Ferreira entre outros. Contudo, acreditamos ser possível afirmar que as personagens em si, podem não ter existido tal qual narra o romance, mas não resta dúvida que existiram Jovianos, Binducas ou Drs. Ferreiras, com nomes diversos, mas vivências similares durante os anos iniciais de Goiânia. Assim, adentremos esse universo da cidade presente no romance de Eli Brasiense.

## II.

- Piruliiiiito! Piruliiiiito!...

Binduca apareceu à porta, onde o pai se encontrava. O piruliteiro parou, firmou a haste do tabuleiro e ajeitou o saco de garrafas vazias que trazia ao ombro.

- Tu não tem garrafa vazia para trocar?

- Já troquei tudo, pai.

Joviano deu uma moeda ao filho.

- Compra pra ti e leva um pra tua mãe, ela gosta disso.

- Pirulito desse minino tem limão.(BRASILIANSE, 2002: 43)

Assim Eli Brasiense inicia o romance *Chão Vermelho*. Assim começamos a ler a cidade de Goiânia. Este trecho apresenta na cidade nascente aspectos da presença capitalista sob a forma de um comércio de pirulitos, realizado por um menino nas ruas da cidade de Goiânia. Comércio esse baseado na troca e/ou dinheiro. Não se trata de um sistema exclusivamente de trocas, mas onde as trocas ainda persistem numa relação que segundo Martins, se insere no sistema capitalista. Não é uma situação tipicamente capitalista, entretanto ao contrário do que se possa imaginar, é possível afirmar que o capitalismo é incluyente ao invés de excludente, no sentido do capitalismo se dispor a incluir e açambarcar formas não essencialmente capitalistas, mas formas que se comunicam com o capitalismo. Para o sociólogo, a presença dessas formas periféricas são aspectos de uma situação de fronteira<sup>1</sup>. Não é uma economia de subsistência ou o comércio de excedente, pois se trata da produção de mercadoria para ser comercializada, conforme inferimos na indicação de Joviano de que o *pirulito desse*

---

<sup>1</sup> MARTINS (1997); MARTINS, José de Souza. Entrevista concedida ao programa Roda Viva (TV Cultura) em 07/05/2001.

*minino tem limão*. Além disso, é possível concluir que não seria apenas ele quem realiza esse tipo de comércio. O fato de não terem mais garrafas vazias evidencia que seria habitual a passagem de vendedores que aceitavam garrafas em troca de suas mercadorias ou mesmo locais que se serviam dessas garrafas como mecanismo de troca. A divisão do trabalho, uma das características das cidades, está presente nessa cena. A ambientação do romance é numa cidade. Como seria essa cidade? Ainda na primeira página do romance temos uma visão dessa cidade sob o olhar de Joviano:

(...)Joviano ficou assuntando a cidade. Já não podia abarcar, como antigamente, as casas todas olhando para um rumo só. Eram casas desordenadas no mato ralo da campina na terra vermelha. Havia ainda residências brotando do charravascal, em setores novos, naquela terra podre que desmoralizava os construtores apressados, rachando paredes e desconjuntando alicerces. (BRASILIANSE, 2002: 43)

Ao assuntar, ou seja, ao observar e indagar a cidade, Joviano demonstra que existe tempo para isso. Ainda existe um domínio sobre o tempo. O tempo ainda não domina o homem em tempo integral. E essa atitude de observação apresentada já na primeira página serve de reforço e convite para acompanharmos esse olhar narrativo enquanto ele assunta a cidade. Essa atitude reflexiva não pode ser igualável a atitude de um observador privilegiado da cidade, qual seja o *flâneur*, mas quando Joviano desfigura uma vivência fantasmagórica revela um olhar reflexivo que em alguns momentos afloram sob angústias e contradições. Há que se ressaltar que os pensamentos das personagens e da narrativa não significam que sejam o posicionamento de Eli Brasilianse quanto a determinadas questões, mas uma percepção do autor acerca da diversidade de posições. É uma narrativa que se confunde entre autor e personagens. Além das vozes, a narrativa do romance mescla tempos e espaços. Não segue sempre uma linearidade temporal. Segue seu eixo narrativo principal dentro de uma temporalidade e espaço, qual seja a década de 50, mas em diversos momentos essa narrativa traz memórias de tempos e espaços anteriores. Entretanto, essa possibilidade de assuntar é logo relativizada pelo narrador, que também revela sua posição com relação ao bairro, conforme se observa no uso do pronome *naquela*:

A vantagem de quem morava naquele bairro era a paisagem. Uma riqueza de panoramas e em baixo a cidade que tomava corpo. Pobre, porém, não podia viver de panoramas. Em redor havia sujeira, doença, desamparo. Paisagem era para gente de casa arreada e gastos sem medida. (BRASILIANSE, 2002: 45/46)

Pobres não podem viver de panoramas, pois precisam antes de tudo saciarem a necessidade primeira: manterem-se em pé. A posição da qual Joviano assunta a cidade evidencia que o ponto de observação dele é um lugar exterior à cidade, apesar de ser a cidade. É um olhar que não se vê refletido. Nesse caso se trata de um olhar sobre o plano inicial dessa cidade e seus arredores. Lembra de um tempo onde as casas olhavam para um rumo só, o que já não ocorre no momento. Característica reveladora de que a cidade em seus anos iniciais fora uma cidade planejada. Quero dizer, as casas que olhavam todas para um mesmo rumo indicam um planejamento que ocorreu, mas que não se seguiu no correr do tempo. Outro aspecto que segue é a apresentação que o crescimento para regiões não planejadas significa fugir de um alinhamento que conduzia as ruas para uma mesma direção, qual seja o centro administrativo da cidade. Isso se espelha no fato de que já não cabe em seu olhar essa cidade que cresce sobre e em meio ao charravascal e em terras impróprias para o sustento de construções. Esse crescimento espantoso não foi planejado pelos idealizadores da cidade. Aliás, o tempo

dessa observação é o momento onde a população da cidade apresenta um grande crescimento populacional e conseqüentemente espacial. Planejada inicialmente para 15 mil habitantes e 50 mil a longo prazo, já em 1940 haviam 18.889 pessoas na área urbana, e em 1950 sobe para 40.333 pessoas, alcançando em 1960 a marca de 133.462 pessoas. (RIBEIRO: 2004, 40-48)

Apesar da presença de mato ralo entre as casas no chão vermelho fica evidente uma expansão das construções para além da cidade planejada inicialmente. Os vazios ou o mato ralo mostram que isto não ocorreu por abarrotamento dos primeiros bairros da cidade, o que poderia ter sido a razão do surgimento de novos bairros. Ocorreu pela dinâmica de ocupação territorial desenvolvida pelo Estado, onde se criou uma segregação espacial<sup>2</sup> impressa desde a forma como implementou a ocupação da cidade ou reagiu as ocupações<sup>3</sup>, tentando com essas atitudes manter o plano inicial da cidade íntegro e longe das interferências que pudessem desfigurá-lo de sua essência primeira. A questão é que não foi possível ignorar por muito tempo as lateralidades dessa essência que se em algum momento existiu foi no entretanto da idealização ao início da materialização dessas ideias. Antes de se erguer a cidade planejada foi preciso erguer uma cidade suporte para abrigar os operários que ergueriam essa cidade planejada. Ocorre que a cidade planejada não absorveu tais operários e a cidade suporte se estabeleceu. Além disso, o espaço urbano foi cerceado por espaços congêneres marcados por traços desses espaços de lateralidades. Assim notamos o estabelecimento de uma segregação espacial na cidade desde seu erigir.

Essa segregação e distanciamento também podem ser observados numa divisão existente na concepção espacial da cidade, expressa numa declaração de Gercina Borges, esposa do então interventor e principal político que promoveu a construção e mudança da capital para Goiânia, Pedro Ludovico Teixeira. Nessa declaração é perceptível na concepção de Gercina uma delimitação de fronteiras que colocam a região situada do lado de lá das margens do Botafogo para fora das fronteiras da cidade de Goiânia:

Enquanto os vários setores de Goiânia propriamente dita foram delineados obedecendo aos mais modernos princípios da técnica urbana; enquanto as casas que aqui se constroem à risca dos preceitos de higiene e saúde [...] os barracos levantados no bairro Botafogo e na Vila Nova primam pela insalubridade e pela promiscuidade dos seus moradores (citado por: JARY, 2007: 103)

Neste trecho Gercina Borges retoma a discussão anterior sobre um núcleo inicial que se acreditou como espaço da técnica urbana e conforme espelhado nas memórias de Joviano, onde as casas olhavam para um mesmo rumo. Isso em termos materiais, mas Ela vai além ao expressar seu pensamento cingindo essa materialidade com uma imaterialidade num olhar de diferença. A primeira dama divide a cidade de Goiânia em *Goiânia propriamente dita* e, por conseguinte fica subentendida uma *Goiânia propriamente não-dita*. E uma das características diferenciadoras seria que *as casas que aqui se constroem à risca dos preceitos de higiene e saúde enquanto que os barracos levantados [lá] no bairro Botafogo e Vila Nova primam pela insalubridade e pela promiscuidade dos seus moradores*. Nestes trechos percebemos algumas colocações que

---

<sup>2</sup> Ronilk (1994) se refere a segregação espacial da seguinte forma: “É como se a cidade fosse demarcada por cercas, fronteiras imaginárias, que definem o lugar de cada coisa e de cada um dos moradores. (...) A segregação também se expressa através da separação dos locais de trabalho em relação aos locais de moradia” (p. 41-42)

<sup>3</sup> ver GONÇALVES (2002)

podem ser interpretadas de forma a traçar essa separação entre aqueles que pertencem e os que não pertencem. Ela se posiciona nessa diferença ao se situar *aqui*. Reforça um dos pontos justificadores da construção de Goiânia, qual seja aspectos de higiene e saúde, ou seja, segundo a fala na cidade de Goiânia propriamente dita esses quesitos seriam atendidos, ao passo que aquilo que não é aqui, isto é, que está fora das fronteiras do aqui, não possui essas condições salutaras, afinal não é aqui. O romance *Chão Vermelho* nos apresenta controvérsias quanto a esta afirmativa como veremos adiante.

Enquanto na *Goiânia propriamente dita* existiam casas que eram *construídas*, além de suas fronteiras existiam barracos que eram *levantados*. Poderíamos nos perguntar se as pessoas que constroem as casas para outrem, ou seja, aqueles que laboram em sua edificação seriam as mesmas pessoas que levantam para si barracos? Alguns relatos dão conta que sim:

Pedreiros, mestre-de-obras, carpinteiros, serventes eletricitas, recrutados pelo capital ou não, vinham em bandos ou sozinhos, de cavalo, de carona, a pé, em busca de trabalho em Goiás, de melhoria das condições de vida, enfim, em busca de riquezas. Portanto, à crescente migração cuja meta era Goiânia, o Estado via-se na contingência de responder à situação construindo alojamentos à margem direita do Córrego Botafogo (citado por: JARY, 2007: 103)

Cabe observar que em alguma medida ocorre uma delimitação entre aqueles que pertencem ou não aquele projeto. E é aí que vemos a importância de um discurso formulando verdades. Afinal, uma autoridade ao enunciar um discurso tem um poder de validação sobre aquilo que pronuncia. Sendo nítida a criação de uma fronteira entre aqueles que pertencem a *Goiânia propriamente dita* e a *Goiânia propriamente não-dita*. E essa não-dita pode soar metaforicamente como não lembrada, esquecida ou apagada pela memória. Isto é, Goiânia “nasce da discriminação e da desigualdade.” (JARY, 2007: 104). A declaração de Gercina não leva em consideração os meios materiais necessários para que se construam habitações sob os preceitos de higiene e saúde. Sendo que conforme a citação anterior, algumas dessas habitações eram construídas pelo próprio Estado. Nota-se desde então uma segregação espacial e social nesse momento da história da cidade. Onde apesar de preceituar a importância da higiene e saúde, sob o olhar do saber médico<sup>4</sup> motivador da construção de Goiânia e transferência da capital, o mesmo não é observado na construção dos alojamentos para os operários. Não se trata, nesse sentido, de uma preocupação social.

Quanto às construções feitas pelos operários e habitadas por outrem são tomadas por Brasiliense como epígrafe do romance, apresentando a partir de uma citação bíblica um tema que será posto em contradição em todo correr do romance:

“E edificarão casas e as habitarão; e plantarão vinhas, e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam. O deserto e os lugares secos se alegrarão; e o ermo exultará e florescerá como a rosa.”  
Isaias. (BRASILIANSE, 2002: 41)

Essa citação gera uma contradição em muitas partes do romance. Apesar do reconhecimento da importância do trabalho que em alguns momentos é tido como uma dívida e uma dignificação humana. Porém, ao passo que este trabalho serviria para si, diferentemente dos gritos do menino vendedor de pirulito que grita já na primeira página do romance. O livro revela nesse sentido uma oposição aos preceitos postos pelo

---

<sup>4</sup> CAMPOS, in BOTELHO (2003)



livro sagrado. O romance trata da exploração do trabalho humano. Acreditamos na intencionalidade da epígrafe, especialmente ao levar em conta a trajetória do autor do romance. Intencionalidade similar pode ser observada em outros romances do mesmo autor e que tratarão do sertão onde,

Os personagens representam um conjunto de significados, dos quais Eli Brasiliense se vale para abordar os problemas existenciais do homem, o absurdo e o vazio da existência humana, sob o jugo de uma sociedade injusta, dominada por interesses de uma minoria, que imperava na região do norte goiano no início do século XX. (PEREIRA, 2002: 9)

Da mesma forma, em *Chão Vermelho*, que metaforicamente poderia soar como um chão colorido com a cor do suor daqueles que trabalham como operários na construção da cidade. Apesar de que não seria essa a intenção do autor, como revela em entrevista: “Até escrevi um livro que dá a situação de Goiânia nos primeiros tempos. O título é *Chão Vermelho*, porque aqui o terreno é vermelho” (BRASILIANSE, 2002: 17). Entretanto, ao correr do livro não deixa de ser possível promover essa associação da cor com a exploração dos trabalhadores na construção da cidade. Especialmente quando da discussão em torno da morte de Terêncio.

O fenômeno de segregação é também observado pelo olhar atento de Joviano: “Cada semana a cidade mudava de feição, esparramava-se para todos os lados, escorraçando gente pobre do centro”(BRASILIANSE, 2002: 44). Diante do crescimento populacional da cidade, seguido pelo crescimento da ocupação territorial, as pessoas menos abastadas não cabiam mais em seu centro, sendo então cada vez mais postas para a periferia. Aumentando assim as dificuldades dos moradores dessas zonas periféricas, que em sua grande maioria trabalhavam nas zonas centrais como operários da construção civil, conforme narra o romance ao relatar o momento em que Dr. Ferreira retorna pela manhã do bairro operário e visualiza uma cena onde os operários ao irem para o trabalho faziam o trajeto no mesmo sentido que Ele, sendo que “poucos operários andavam de bicicletas e tinham que sair muito cedo de casa para chegar nas construções no horário certo.” (BRASILIANSE, 2002: 152).

A voz narrativa prossegue tratando de um ponto que originou a cidade:

“Pouca gente conhecia a verdadeira história da mudança da capital para Goiânia, num pedaço de chão considerado sem serventia. Tinha conhecimento apenas dos bate-bocas na Assembléia, antes de ser esbandalhada pela ditadura. Lorotas de jornais, patranhas de politiqueiros. Do serviço duro mesmo só davam notícia os pioneiros. Ele, [Joviano] ali sentado na soleira de um caritó, conhecia tudo, desde o começo do Palácio, batizado com um nome bonito. Muita gente dizia que aquela confusão de paus e tábuas, antes de surgir o esqueleto do prédio, se transformaria em ninho de seriema, porque era coisa de doido a mudança. As casas de tábua, onde o governo assinara decretos de zungu, haviam desaparecido.” (BRASILIANSE, 2002: 43).

Está aí assentada a discussão acerca de quem efetivamente construiu a cidade. Joviano destaca o fazer, no sentido de levantar dia a dia paredes e alicerces, seriam esses fatores sim os pioneiros. Assim, indo de encontro aponta que a ideia de que existiria uma separação de lados, quais sejam, o dos que diziam construir com os que efetivamente construíram. É quase uma evocação dos versos de Brecht:

"Quem construiu Tebas, a das sete portas?/ Nos livros estão os nomes dos reis,/ Mas foram eles que arrastaram os blocos de pedras?/ E a Babilônia, tantas vezes destruída,/ Quem outras tantas a reconstruiu? (...) O jovem Alexandre conquistou

as Índias./ Sozinho?/ César venceu os gauleses./ Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?/ Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha/ Chorou. E ninguém mais?”

Nessa situação apresentada anteriormente não se percebe uma crítica ao fato de ser construtor da cidade, mas sim de uma reivindicação do reconhecimento como efetivo construtor na memória sobre a cidade. Enquanto uns se dedicavam a politicagem outros trabalhavam.

Interessa-nos agora os apontamentos sobre a mudança da capital para Goiânia. Apesar das construções iniciarem em 1933, somente em 1937 ocorre a transferência oficial da capital do Estado da Cidade de Goiás para a recém construída Goiânia. Sendo que a inauguração ou batismo cultural acontece em 1942.<sup>5</sup> Intervalo esse marcado por intensos debates políticos entre os favoráveis pela mudança e os que não concordavam.<sup>6</sup> A crítica ao lugar ressoa no romance quando não se discute como a capital pode ter sido transferida para um chão sem serventia. E principalmente, havia *uma verdadeira história sobre a mudança que pouca gente conhecia*. O narrador ao tomar conhecimento que existe uma verdadeira história mostra saber o que sua personagem não sabe. Mas ao invés desse não saber ser um não saber angustiante não o é. Não incomoda e nem interessa a Joviano entender essa história envolvendo políticos. E os pensamentos do narrador entrecruzam com os pensamentos da personagem onde num existe uma verdade na história da mudança e noutra não tem interesse pelas lorotas que envolvem o assunto. Ao passo que um não acredita que exista uma verdade o outro crê ser conhecedor dessa verdade. Tal verdade não nós é contada. Provocando no leitor a sensação – agora angustiante – de estar do lado de cá, ao lado – mas não junto – de Joviano entre os que não conhecem essa verdadeira história. Qual seria essa história que é referida? – pergunta o leitor. Acreditamos que esse não conhecer da historicidade da cidade além do entendimento de que a cidade crescia por parte da grande maioria dos viventes é a demonstração do efeito intentado ao construir Goiânia. Qual seja, dar ao Estado um novo começo e apagar os rastros de um outro momento. Mas a questão é que os rastros não foram apagados porque foram circunscritos a uma parcela da população. Quero dizer, quando um operário da construção decide ignorar o debate em torno do porque está ali transformando esqueletos de tábuas em prédios com nomes bonitos – não pronunciados, mas bonitos – não o faz simplesmente porque não tem interesse pelo assunto. O único interesse dele é saber onde será o próximo trabalho. Desta forma, não há que se dizer que houve uma polarização dual entre mudancistas e não-mudancistas no Estado. Houve um terceiro pólo que tanto faz, quanto fazia se a capital seria ali ou não. Interessava-lhe a cidade que já existia. Não é apenas uma relação com simbólico presente nos debates políticos mas sim uma relação com a cidade que se materializa sob seu olhar e mãos.

O romance traz outros pólos desse debate. Além de outras pessoas que nem discutiam o assunto, existiam pessoas como Terêncio que eram defensores da mudança:

Outro que não gostava de ouvir falar que era trabalho perdido a mudança era Terêncio. Não tinha cara para gracejos. Por qualquer coisa soltava um palavrão. Um dia xingou a mãe de um cavaleiro que se dirigia para Trindade, só por causa de algumas observações irônicas a respeito do zungu. Por pouco não foram aos tapas. (BRASILIANSE, 2002: 44)

---

<sup>5</sup> BOTELHO (2002)

<sup>6</sup> ARRAIS (2003)

Se Terêncio era outro significa que a sua visão não era única, mas compartilhada por outras pessoas. Episódio esse que narra a passagem de alguém alheio a toda essa movimentação pela cidade e para quem não havia interesse nenhum pela questão. Falou sobre o zungu que de fato era visão naquele momento. Mostra-se então que a cidade serve de passagem para este cavaleiro, ou seja, nem todos caminham para a capital. Ao passo que Terêncio era um dos operários na construção da cidade.

Enquanto isso, Fernando resolve deixar a cidade de Goiânia e se dirige para outra utopia por não se adaptar a forma subalterna e desrespeitosa que considerava o tratamento que lhe era dado pelos pedreiros, dos quais era servente, conforme podemos observar nessa conversa entre Ele e Joviano:

- Olha, Jove, vou-me embora. Me dano à-toa, e acabo é quebrando a cara de um pedreiro desses qualquer dia, inda mais o Tibertino. Moro dibaixo do chapéu mesmo, não tenho diabo de mulher para me trapalhar a vida, nem filho. Ora, já se viu como ele debocha de servente? É só toda hora gritando: Quero massa, mole! Bota mais água no barro, nossa amizade! Prego de pedreiro é água!

Fernando terminara com tristeza.

- Ora, a gente então não tem nome? É traste do lixo? Não agüento. Vou-me embora sinão faço sujeira” (BRASILIANSE, 2002: 44)

Os pensamentos de Terêncio e Fernando são duas visões postas em paralelo uma seguindo a outra. O não estabelecimento de Fernando na cidade não se dá, entretanto, por não ser defensor da mudança da capital, se dá por uma não adaptação ao modus vivendi instalado na cidade. Enquanto desabafa com alguém que lhe é íntimo, dado o tratamento intimista do Jove abreviando Joviano, se sente considerado um lixo por outro operário da construção da cidade. Ao impasse de se tornar lixo, opta por não permanecer nessa lixeira fazendo sujeira e resolve partir em busca de uma nova utopia. A cidade é uma utopia que atrai diversas pessoas, vindas de lugares diversos, vindas em busca dessa fronteira de possibilidades, uma utopia de quem sabe um futuro melhor. Esse partir advém do não se sentir numa situação satisfatória onde está. Daí partir em busca de um lugar melhor, com novas possibilidades e quem sabe um lugar para se estabelecer. Joviano se estabeleceu. Vários outros se estabeleceram. Não se tornaram lixo, mas não deixaram de sentir e por vezes repugnar-se com esse novo ambiente de contradições onde o humano é posto a prova. Os destinos de Fernando e Terêncio foram diferentes. O primeiro tomara o rumo do garimpo. Um lugar marcado intensamente pela experiência da liminaridade se apresenta melhor que a cidade. O destino de Terêncio foi a morte não-natural.

E aqui retomamos a analogia ao vermelho como metáfora da cor do sangue. Conforme se infere quando a voz narrativa fala sobre a morte de Terêncio:

Terêncio havia morrido de febre braba, em poucos dias, com o corpo cheio de manchas roxas, os olhos vinhosos minando pus, num desespero de unhar as paredes. Os médicos disseram que era tifo vindo de água sem asseio. Agora tinha um filtro em casa. Achava que o maquinismo estragava o gosto da água, tirava até a sustança dela. Nas construções os trabalhadores bebiam na Mao, emborcados por cima dos registros. O filtro era um luxo de casa. Tifo? Terêncio havia morrido era de danação no serviço, cozinhando no sol e constipado na chuva. (BRASILIANSE, 2002: 44/45)

A literatura novamente mostra sua riqueza neste trecho como fonte de percepção das sensibilidades humanas em determinado momento. Se a morte de Terêncio ocorreu

por conta de tifo<sup>7</sup> ou por danação no serviço não podemos ter essa certeza. Nenhuma das hipóteses deixa de ter plausibilidade para serem aceitas. Quero dizer, a partir do momento em que determinadas afirmativas ganham sustentação incontestável mostram legítimas possibilidades de serem reais. O narrador percebia essa exploração do trabalho humano. A contestação da causa apontada pelos médicos é firmada a partir da demonstração de que outros trabalhadores também bebiam da água e não morriam. Em contra partida nem todos também morriam por danação no trabalho. Talvez nesse sentido a morte de Terêncio e sua posição contrária a de Fernando possa ser entendida como um embate que tem como ato final a morte de Terêncio. Ainda sobre as contradições, podemos perceber que se por um lado era reconhecido a água como provocadora de malefícios para a saúde, e mesmo na casa de Joviano havendo filtro não significava que nas construções foram implementados mecanismos para lidar com esse risco a saúde do trabalhador.

Podemos observar a forma como era absorvida e de onde provinha parte da força de trabalho na cidade quando da descrição pelo narrador sobre *os bandos de nordestinos*:

Por ali se abrigavam bandos de nordestinos que chegavam para a aventura da nova cidade. Alguns encontravam trabalho nas construções, na Usina do Rochedo, na limpeza de quintais, nas lenharias. Os rapazes sadios pegavam logo farda. Algumas velhas e meninos pedinchavam pelas ruas, açulando o exibicionismo dos esmoleres. As mocinhas empregavam-se em casas de família. (BRASILIENSE, 2002: 51)

Notamos que apesar da aparente facilidade de alocação no mercado de trabalho, sempre tratavam de colocações em posições subalternas. Nota-se também dentre esses *bandos* uma divisão do trabalho, onde as funções sociais no trabalho tinham relação com condições físicas, etárias e de gênero da força de trabalho.

Conforme vimos, é possível perceber uma diferença de Joviano para com outras personagens com relação a sua percepção acerca da construção da cidade, apresenta algo primordial para nosso entendimento de que a literatura é de grande valia para perceber essas sensibilidades sobre a cidade: a ausência de uma sensibilidade homogênea que estruturaria uma definição una dessa cidade. A cidade é um ambiente heterogêneo, marcada pela presença de ambivalências. Tanto quando pensamos a cidade como um corpus são perceptíveis aspectos contraditórios, heterogêneos e díspares que compõem um mesmo espaço urbano, sejam aspectos relacionados à materialidade, sociabilidade ou sensibilidades. A ambivalência segundo Bauman é uma “possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria” (BAUMAN, 1999: 09). Ou, a nosso ver, a incapacidade de conferir a determinado objeto ou evento uma definição una. Ao optarmos pela cidade como objeto de estudo, defrontamos com essa realidade

---

<sup>7</sup> O tifo epidêmico, popularmente chamado simplesmente de tifo, é uma doença epidêmica transmitida pelo piolho humano do corpo e causada pela bactéria *Rickettsia prowazekii*. Atualmente, o termo tifo também pode designar uma série de doenças infecciosas agudas, causadas por rickettsias, caracterizadas por dores de cabeça, calafrio, febre, dor no corpo e nas articulações, manchas vermelhas e toxemia (substâncias tóxicas no sangue), que duram cerca de duas ou três semanas. O tifo não tem nenhuma relação com a febre tifóide, causada pelas *Salmonellas*. Epidemias da doença quase sempre estão relacionadas a fatores de ordem social, como falta de higiene e pobreza extrema, razão pela qual são comuns em períodos de guerra e escassez de água, campos de refugiados, prisões, campos de concentração e navios. (RAMOS, Maria. FIOCRUZ. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=758&sid=8>. Acessado em 06/05/2009).

ambivalente. Também acreditamos que essa ambivalência pode ser vista na individualidade e na subjetividade das personagens do romance que vivem várias angústias nessa cidade. Assim, acreditamos que a cidade é um lugar de ambivalências, seja quando percebida como um corpus numa medida macro ou quando trazemos isso para uma posição micro da sensibilidade individual.

### III.

Quando se planejou construir a cidade de Goiânia, duas intenções se destacavam nos pronunciamentos ou escritos acerca do tema: dotar o Estado do que havia de mais moderno e permitir que o progresso se estabelecesse no Estado, não que tais perspectivas não fossem pensadas até então, ocorre, contudo uma retomada dessas ideias por parte do governo. Essas intenções mantinham relações com a necessidade do governo do período que seria se estabelecer no poder após sua ascensão ao poder a partir da alternância de grupos políticos ocorrida em 1930, com o advento do que é chamado por “revolução de 30”. Trata-se da utilização da cidade como mecanismo de rompimento com um passado anterior que se deseja esquecer. Daí a assimilação nos projetos e discursos desses elementos que trazem consigo tal ideia. Entretanto, apesar desse intento, o romance *Chão Vermelho* possibilita perceber que é impossível tratar a cidade como um lugar homogêneo de progresso ou lugar do moderno. Fica nítida a presença e convivência desses mesmos caracteres e seus contrários.

Um dos elementos que podem ser associados a esse projeto de moderno e progresso é o automóvel. As ruas e avenidas do plano inicial de construção da cidade recepcionavam esse elemento. Nesse sentido as pessoas que adquiriam esses veículos automotores podem ser divididas em dois grupos: de um lado estão as pessoas que por razão de suas atividades comerciais os utilizavam e de outro lado está relacionado àquelas pessoas que assumiram e desejaram possuir esse símbolo de modernidade. Em ambos era preciso possuir condições financeiras para tal bem que não era dos mais acessíveis, conforme observa Melo:

O perfil dos primeiros proprietários brasileiros de automóveis era semelhante: membros das elites, que gozavam de algum sucesso financeiro no momento e que, mesmo quando originários de famílias tradicionais, possuíam, em maior ou menor grau, relação com o projeto de modernização do país. O uso do veículo estava relacionado inicialmente mais à busca de elementos de status e distinção, uma forma de vinculação ao “civilizado mundo moderno”, do que a interesses econômicos. Logo, todavia, ambos os sentidos dividiriam espaço: indústrias e comércios adquiriram carros para facilitar o escoamento de seus produtos. (MELO, 2008: 195)

Joviano aponta para essas pessoas que possuíam automóveis como uma forma de apresentação de um status e distinção social:

Muita gente não andava mais a pé. Chegava de tanga na cidade e logo aprendia a mandraca da riqueza fácil, sem suor e sem cansaço, punha casa de aluguel e carro pra rodar. Por isso é que olhava sempre com desconfiança todo sujeito com modos de camponês embrulhado em roupa de carregação, com bote armado para emprestar dinheiro até vinte por cento. Juventino era um deles. (BRASILIANSE, 2002: 45)

Nota-se com isso que existiam pessoas desejosas de assumirem em Goiânia esse projeto, mesmo que seja sem ligação direta com o projeto político elaborado quando da construção da cidade, essas pessoas não deixam de assumirem tal projeto no sentido de se reconhecerem e tentarem serem modernos. Muitas vezes, para alimentar esse projeto era preciso valer-se de artifícios condenados por Joviano. Para Guillermo Giucci, o automóvel possui uma relação com a modernidade e com o individualismo:

A automobilização transforma-se em um suporte fundamental do individualismo moderno e o automóvel é seu expoente material máximo: um objeto de culto. É o que há de mais sagrado na modernidade, afirma Peter Sloterdijk (1989), de tal forma que é impossível conceber o moderno sem pensar no movimento. Essa máquina numinosa é o núcleo de uma "religião cinética universal" e o "sacramento rodante" que unifica corpo e velocidade. Quem dirige um carro, sustenta o filósofo alemão, "sente como seu pequeno eu se expande em um ente superior que tem como pátria o mundo das vias rápidas e compreende que foi convocado a ser algo mais que metade de um pedestre animalesco" (Sloterdijk, 1989: 42). (GIUCCI, 2004: 15)

O automóvel também assume uma forma de segregação social. A modernidade, nesse sentido, é excludente quando cria objetos e limita sua acessibilidade. Isso cria uma diferenciação entre as pessoas a partir de um elemento do moderno. Em Goiânia existiam pessoas dispostas a vestirem a capa do moderno e progresso em seus veículos automotores. Entretanto, outros não admitiam e não reconheciam benefícios nisto, chegando inclusive ao ponto de atacá-los, estranheza essa que é natural em seus anos de lançamento segundo Giucci:

Entre 1900 e 1940, o automóvel ainda não tinha se transformado em um produto de utilização em massa. É justamente a dificuldade de comprar a mercadoria e a tenaz visibilidade pública que fortalecem seu significado cultural. Impossível ignorá-lo. Fora alvo de comentários, brincadeiras e boatos. Foco de curiosidade. Elemento de ostentação e diferenciação. (GIUCCI, 2004: 24)

Joviano dá bem conta dessa situação em Goiânia:

Dali se avistava a Avenida Anhanguera, inçada de automóveis, alguns até engraçados, parecendo mais com jabotis em lata. O progresso estava estragando tudo. Já não podia andar com sossego pelas ruas. O vivente ia muito bem, andando distraído, de repente era um guinchar perto, a roda do carro riscando o asfalto. Carro passava por cima de gente de vez em quando. No bairro não havia desastres porque os choferes tinham de andar com cuidado, para se livrar dos buracos. (...) Agora todo mundo tinha medo de automóvel, pior do que cachorro doido pelas ruas. (BRASILIENSE, 2002: 45/46)

A estranheza alcança até mesmo o engraçado e associação ao que lhe é conhecido. Compara os automóveis com jabotis, o que os fazem serem engraçados. Vieram para estragar tudo. O automóvel é associado ao progresso e o progresso corporificado no automóvel é condenado por Joviano. As razões são os embates entre aqueles que se consideravam valerem mais que a metade de um pedestre de um lado e do outro esses pedestres que viam o automóvel como um alienígena naquele lugar. Segundo Giucci o automóvel muda as relações entre pedestres e automóveis.

O pedestre estabelece uma ligação mais cuidadosa com a rua e os caminhos. Símbolo de uma ligação mais cuidadosa com a rua e os caminhos. Símbolo do tempo acelerado, o automobilista ameaça o pedestre. É o inimigo do flâneur, pois a

valorização do espaço está relacionada à visão demorada. Na rua o motorista rivaliza com o pedestre. (GIUCCI, 2004: 37)

Também podemos perceber essa mudança e embate para se livrar dos carros numa situação perpassada por Dr. Ferreira:

Ferreira descia a Avenida Anhanguera. Tinha pressa e andava com passos miúdos, quase aos saltos. Ao atravessar as esquinas sem nenhum guarda para sinalização, era preciso ter cuidado. O movimento dos carros crescia com a poeira das terras devolutas e dos lotes urbanos. Os atropelamentos se multiplicavam. (BRASILIANSE, 2002: 179)

A falta de sinalizações restritivas aos automóveis significa uma autonomia maior para os mesmos e seu sobressalto com relação aos transeuntes. É como se o lugar fosse do automóvel e o transeunte fosse alienígena. Enquanto que o automóvel é assimilado como elemento de progresso se observa que ele não é recepcionado pelos bairros da mesma forma que na cidade *propriamente dita*. Conforme observa Joviano, nos bairros os acidentes não ocorriam por conta da necessidade de se andar com cuidado pelas ruas. Ruas essas que não foram tratadas de forma a recepcionar tais automóveis. Talvez pelo fato de que os moradores dos bairros não pudessem possuir tal meio de transporte, como bem é visível no apontamento de Joviano ao falar que os carros que trafegavam pelo bairro eram guiados por choferes. Esses elementos mostram a existência de contato entre essas cidades separadas pelo modo de se referirem, mas que a nosso ver compõem um mesmo lugar por nome Goiânia. Diferenças existem, fronteiras existem, mas é preciso perceber Goiânia como essa totalidade de diferenças que evidenciam seu caráter de fronteira. Acreditamos que os episódios narrados mostram a existência de um caractere do moderno na cidade e que esse caractere não era utilizado por todos, mas convivia com a totalidade, mesmo que essa convivência seja refletida numa resistência à modernização técnica.

A diferença para com o progresso também se expressa na preferência pelo tipo de cigarro, conforme verificamos nesse diálogo entre Joaquim e Joviano:

Joaquim puxou um maço de cigarros, estendeu a mão.

- Tira um pra ti.

- Me desculpe, Joaquim. Gosto mesmo é do palheiro.

- Mas isso é “LUIZ XV”, velho!

- Seja que Luiz for, não gosto. Esses troços tem gosto de cisco, não mata a vontade.

Joaquim riu, afetado e zombeteiro.

- Tu precisa tomar um banho de civilização, velho! Vai para São Paulo, isto aqui é tapera!

- Gosto daqui, Joaquim. Cidade que a gente ajuda a fazer é mesmo que filho. Ninguém gosta de separar dela. (BRASILIANSE, 2002: 63)

Para Joaquim, vindo de São Paulo, a civilização seria de onde veio e a cidade de Goiânia seria uma tapera sem nenhuma civilização. Isso pode nos remeter ao debate em torno de litoral e sertão, onde numa das acepções o primeiro é tido por lugar do progresso e da civilização enquanto o segundo é o lugar distante e atrasado.<sup>8</sup> Fica evidente também esta questão na relação entre o cigarro industrializado e o artesanal quando das sensações narradas e sentidas por Toninho:

---

<sup>8</sup> LIMA (1999)

A taquicardia voltava a incomodá-lo. Deveria ser por causa do cigarro, de nome pomposo, chamarisco de mocinhas pedantes. Qualquer cigarro de nome bonito e empacotamento vistoso tinha gosto de cisco, sapecava a língua, dava azia e provocava pigarro. Tinha preguiça de preparar cigarros de palha. A verdade é que ficava com receio de estragar o hálito, amarelar os dedos. (BRASILIENSE, 2002: 118)

Notamos aqui também uma associação entre um elemento moderno com a sua relação social. Afinal, os cigarros pomposos chamavam atenção das moças. Onde Toninho consome esse tipo de cigarro não apenas para saciar seu desejo por cigarro, bem como para saciar outro desejo, um desejo de consumir esse elemento de colocação social. Apesar de reconhecer que tinha gosto de cisco, tal qual apontara anteriormente seu pai, ele ainda persistia no consumo desses cigarros industrializados. A razão segundo o narrador seria o fato de Toninho acreditar que os cigarros industrializados fariam menos mal que o artesanal que poderia estragar o hálito ou amarelar os dedos. Essa incorporação do cigarro industrializado e o abandono do consumo do cigarro artesanal representam uma situação de contradição para Toninho. Diferentemente de Joviano que não tinha dúvidas e nem pretendia mudar seu cigarro. Acreditamos que essa incorporação pode ser percebida como um modernismo. De forma que esse modernismo existente não era homogêneo, mas estava presente em alguns espaços do social.

A contradição também se expressa no próprio Joaquim que antes elogiara o progresso e incentivava seu amigo Joviano a ir tomar um banho de civilização:

- Essa estrada de ferro é uma bucha. Solta faísca na roupa da gente feito capeta.
- Batendo as alpercata no chão, como naquele tempo, era muito pior, Joaquim.
- hoje quem anda a pé é bicho do mato. (BRASILIENSE, 2002: 61)

Ao tratarem da Estrada de Ferro, outro elemento associado à modernização e ao progresso, ocorre uma inversão de posições de quem está em defesa e de quem ataca o elemento do progresso. E por fim uma síntese do assunto, onde apesar de criticar a estrada de ferro, Joaquim acaba por reconhecer que ela é necessária.

Podemos também perceber uma resistência expressa na oposição a beber água filtrada:

(...)Os médicos disseram que era tifo vindo de água sem asseio. Agora tinha um filtro em casa. Achava que o maquinismo estragava o gosto da água, tirava até a substância dela. Nas construções os trabalhadores bebiam na mão, emborcados por cima dos registros. O filtro era um luxo de casa. (BRASILIENSE, 2002: 44/45)

Novamente uma resistência a modernização técnica. As resistências flutuam entre uma resistência com motivações consumistas e motivações técnicas. Resistência que conforme a desconfiança de Joviano era prejudicial. Afinal, tirava a substância da água. O filtro, apesar de sua necessidade ser posta por questões de saúde, é visto como um luxo, ou seja, algo supérfluo e desnecessário aos olhos de Joviano.

Outra estranheza está presente no pensamento de Joviano, que ao construir as casas pensadas além da utilidade, quero dizer, abrangendo o decorativo, vê tal fato como um luxo desnecessário:

Joviano fazia o acabamento no muro do jardim de residência de luxo no centro da cidade, em rua asfaltada. A colher tinha ao partir tijolos e igualar saliência de grã.fino sem gosto. Aquilo iria esbarrondando aos poucos, mesmo com serviço caprichado. Qualquer pancada levaria os alto-relevos idiotas. (BRASILIENSE, 2002: 172)



Essa estranheza é uma contradição e novamente é posto que Joviano não se insere naquele projeto modernizador. Apenas vende sua força de trabalho para essa cidade que cresce. Acreditamos que essa crítica ressoa sobre o Art Déco. Estilo adotado pelo Governo quando dá construção da cidade para balizar suas construções. Para Coelho<sup>9</sup>, essa opção pelo Art Déco teve grande repercussão no Brasil devido,

Principalmente ao apoio dado pelo governo de Getúlio Vargas, com o lema “progresso e modernidade”. Era o Art Déco o modelo que melhor representava o “desenvolvimento” proposto por Vargas e o “progresso” que igualaria o Brasil ao mundo civilizado da Europa e dos Estados Unidos. (...) Sendo assim, a nova capital deveria representar algo completamente diferente do conhecido até então pelos goianos. E é exatamente isso que será implantado: uma cidade que traz em si a mudança política, a substituição das antigas oligarquias por novas, a tradicional arquitetura da colônia portuguesa pela arquitetura da modernidade, da internacionalização, do futuro. (COELHO, 2002: 107)

Acreditamos que a resistência em aceitar essa proposta de arquitetura, que apesar de pelo fragmento do romance não evidenciar se tratar de uma casa em Art Déco, pode ser entendida como uma resistência a futilidade desnecessária<sup>10</sup>. O que a nosso ver vale para se pensar não apenas o Art Déco, mas as propostas intencionadas pelo Governo a fim de atingir objetivos políticos por meio de materializações arquitetônicas, conforme apontou Coelho. Entretanto, novamente Joviano não se incorpora nesse projeto. Apesar de transitar, construir e observar tais construções, ele não se submete às intenções de fazer de uma arquitetura tida como moderna aflorar-lhe um sentir-se moderno.

Existiam ainda problemas materiais que se opunham às intenções de progresso. Afinal, um dos símbolos do progresso é a energia elétrica, conforme bem anunciava Armando Godoi em 1933, ao fazer relatório ao interventor do Estado, Pedro Ludovico Teixeira, sobre a conveniência da construção de uma nova capital no Estado:

A eletricidade é a forma de energia que mais facilmente se transforma em outras, apresentando, por isso, maior souplesse e sendo mais submissa ao domínio do homem. E é esta a razão pela qual ela está acionando a vida moderna nos seus mais importantes aspectos. Na cidade progressista, ela é tudo. Domina a existência urbana durante o dia e pela luz intensa que fornece, permite a circulação através da noite, nas praças, nas avenidas e dentro dos edifícios. As cidades que morriam à noite antes do homem haver conquistado os meios de governar tão poderosa força. (MONTEIRO, 1938: 56)

Mas salienta adiante uma observação ao governo goiano:

O que se faz mister é que o governo goiano tudo faça com o escopo de poder fornecer aos habitantes da futura capital força e luz pelo menor preço possível. O desenvolvimento e a prosperidade do centro urbano em projeto ficará dependendo enormemente de tal condição. (MONTEIRO, 1938: 65)

---

<sup>9</sup> In BOTELHO (2002)

<sup>10</sup> Tal questão foi discutida por Freitas, que aponta não ser lugar comum construções dotadas de características Art Déco na cidade: “O estilo moderno dessa residência [de Pedro Ludovico Teixeira], com influências art-déco, não se repetiu nas “casas-tipo” dos primeiros tempos da cidade. Nessas predominaram os chalets de inspiração eclética, com telhados à feição européia, a exemplo do que ocorria nos Jardins paulistanos, que ditavam a moda. Em alguns detalhes, esteve presente ocasionalmente o neocolonial: nas varandas, nas rótulas das janelas, nos azulejos e gradis” (FREITAS, 1999: 251)

Contudo sua implementação em Goiânia perpassou algumas dificuldades que não possibilitaram essa vivência fulgente. Em alguma medida, pode-se dizer que a cidade estava moribunda durante a noite, pois faltava-lhe luz para dar-lhe o vigor dito por Godoi. Uma citação emblemática presentes nos escritos sobre a cidade de Goiânia é um verso de Monteiro Lobato que visitou a cidade em seus anos iniciais:

Goiânia, cidade linda  
que me encanta e seduz  
De dia, não tem água  
De noite, não tem luz

O verso é marcado pela ironia. Inicia com a aclamação pelo nome da cidade e sua beleza que o seduz e encanta. Idealizada sob os intentos de uma arquitetura marcada pela originalidade das formas poderia seduzir ao olhar daqueles que a observavam. Entretanto, uma cidade não se faz pelo que aparenta ser. Aliás, o olhar é o sentido primeiro numa observação e vivência na cidade. São marcas primeiras, mas os versos de Lobato prezam pela contradição que é posta logo após esse dito encanto sedutor. A falta de água e de luz. Elementos essenciais para uma cidade que se propõe moderna pela ousadia intentada nos seus traçados. Assim, começa pelo encanto que se perde na vivência prática na cidade.

Essa problemática também está presente no romance Chão Vermelho. Energia intimamente ligada a utilização como fonte de luz, não é destacada utilização para outros fins. Sua ausência é uma rotina, seu suprir é uma constante. Daí a ordem de Dona Fia para Binduca ir comprar gás querosene: - *Larga esse Gibi dos inferno e vai comprar gás agorinha mesmo. A luz ta feito vaga-lume e termina é sumindo. Tinha vontade de socar essa luz...* (BRASILIANSE, 2002: 49). Esse suprir, quando não por gás querosene, é feito por vela, como percebemos num dialogo iniciado por Cabo Joca ao visitar Joviano:

- Parece que vão rezar terço aqui?
- Terço?
- E aquele maço de vela na mesa?
- Isto é de Toninho, pra estudar quando a luz enguiça. Essa luz é uma peste!
- Cadê o motor novo?
- Diz que pipocou tudo.
- Na barranca falaram que é máquina de trabalhar dibaixo d'água. Será?
- Falaram que era de submarino. Só entendo de construção. (BRASILIANSE, 2002: 53/54)

Percebe-se que a falta de luz elétrica é uma constante na cidade, compondo parte da rotina da casa de Joviano. A falta de energia é motivo de ironia desferida pelo amigo de Joviano vindo de São Paulo:

- Joaquim espiava a lamparina com cara de ironia e perguntou.
- Quebrou uma usina daqui? Isto é coisa de roça.
- Uma vez água levou. Agora deve ser enguiço, depois ela vem. (BRASILIANSE, 2002: 62)

Apesar de ser construída uma usina para fornecimento de energia elétrica a mesma foi levada pelas águas. O motor de um submarino utilizado para gerar essa energia também não suportava fornecer energia elétrica para a cidade. O narrador se

vale do surreal para trazer a tona uma realidade advinda de um sonho contado por um menino ao passar pela rua e ouvido por Joviano:

Passou um desconhecido com um menino pela mão. A criança contava um sonho em voz alta.

- Pai, amanhã de noite eu sonhei que tinha um motor de luz. Aí eu chamei mamãe e falei: mãe, a luz já tá acendida. Aí mamãe perguntou: Pra que esse motor?" Aí eu falei: é pra pindurar sapato!

O homem riu (...) (BRASILIENSE, 2002: 57)

As imagens contrastam como num sonho. Um motor que serve para luz, mas que também serve para pendurar sapatos. A utilidade última é mais eficaz que as demais. Sobre a energia elétrica e as origens desse motor, assim fala Freitas:

A energia elétrica provinha de um motor a óleo cru, que trabalhava durante poucas horas da noite. A situação melhorou com a inauguração da usina jáó, que uma enchente levou de roldão, alguns anos depois. Com o Brasil em guerra, não havia como importar equipamentos elétricos, os quais não eram fabricados no país. A cidade ficou às escuras, até que foi possível adquirir o motor de "um navio velho", afinal instalado na Alameda Botafogo. Essa situação estendeu-se até a inauguração da usina do Rochedo, em 1958. (FREITAS, 1999: 253)

Numa narrativa sobre o circo na cidade e sua diferença positiva em relação a iluminação pública também observamos uma crítica do romance:

Próxima da bilheteria havia uma clareira, na multidão maciça. Por ali alguns rapazola e criadas dengosas corseavam. As sombras que a iluminação interior projetava na lona do circo indicavam que a bilheteria estava bem movimentada. A luz era forte, em contraste com a iluminação pública, e provinha de um motor que trepidava numa barraquinha. (BRASILIENSE, 2002: 121/122)

A luz interior do circo, vinda de um motor deste circo e não do fornecimento público de energia, se destaca em relação à iluminação pública. Em outra situação a iluminação pública é mostrada como precária e ainda demonstra que tal problema não se restringe aos bairros operários, como é observado ocorrer na casa de Noêmia, residente na parte planejada:

(...) O racionamento de luz transformava os postes em vultos na escuridão. (...) Um corisco fez um arranhão céu nimbado. Ouviu-se um estalido no fusível do alpendre e o ribombo do trovão saiu violento. A voz de Noêmia abrandava a agressividade da noite.

- Vou acender uma vela na sala. (...) (BRASILIENSE, 2002: 70)

Essas questões a nosso ver são sensibilidades e críticas aquela situação da cidade, expressas pelo autor nas vozes de sua narrativa e de suas personagens. Ele é um vivente da cidade, daí essa narrativa muitas vezes intimista e personalista da situação. A falta de energia ou mesmo sua precariedade é entendida e vivida com naturalidade nas narrativas. O que evidencia o caráter permanente destas ausências.

A água é outro elemento associado por Godói à vida moderna. Segundo ele,

Entre os elementos mais indispensáveis à fundação e desenvolvimento de um centro urbano figura a água. Sem tal elemento ao alcance dos habitantes de uma cidade, a qualquer hora do dia ou da noite, nos mais elevados pavimentos dos prédios, ela deixa de realizar um dos principais requisitos estabelecidos pela vida moderna. (MONTEIRO, 1938: 62)

Quanto ao fornecimento de água, o romance também registra a escassez desta: “Quando chegasse em casa tomaria um banho demorado com sabão de cozinha, para desinfetar-se. Com as chuvas a água não vinha mais chorada nas torneiras” (BRASILIANSE, 2002: 134). Assim, para que a água não dependesse do choro perante as torneiras era preciso que chovesse para que os reservatórios de água ficassem mais cheios e possibilitassem uma quantidade maior de água. Trata-se de elementos que confirmam os versos outrora emitidos por Monteiro Lobato. Contudo, apesar de se inferir que se trata de um abastecimento de água encanada, podemos perceber também na cidade que o abastecimento de água, muitas vezes era suprido por uma forma condenável pelos ideais sanitaristas, qual seja a utilização de cisternas. Como se percebe nesse temor dos serenatistas de caírem nessas cisternas:

Naquele tempo os serenatistas tinham medo das cisternas, e um engenheiro alemão certa noite caiu num desses poços. Chico ouvira o baque e o grito e dera o alarme, a tempo de salvar-se o estrangeiro descuidado (BRASILIANSE, 2002: 46)

Percebemos que quanto a questão da Saúde na capital, apesar desta ser uma das razões motivadoras da mudança da capital<sup>11</sup>, a cidade não era dotada de preceitos de saúde e higiene predominantes. Seja envolvendo aspectos que se relacionam ao habitus<sup>12</sup> da sociedade, que algumas vezes sofre intervenções por regulamentações estatais. Exemplo de um habitus longe de ideais salutares é a forma que um taboqueiro lava os copos em seu bar:

O taboqueiro deixou de remexer os miúdos na gaveta, mergulhou um copo na água amarelada de uma bacia que estava na tábua inferior da prateleira. Meou-o de cachaça e depositou-o no balcão. (...) Depois de virar a dose Sílvia cuspiu na porta. (BRASILIANSE, 2002: 72)

Isso faz parte do habitus e dificilmente mudaria de um instante para outro. Tal qual a resistência de Joviano pelo cigarro de nome pomposo ou mesmo pela água filtrada que perdia sua sustância. Isso evidencia que o Estado pode tentar dotar a cidade de estruturas e preceitos que considera salutares, entretanto, a cidade é uma realidade além dessas regulamentações. A literatura assim possibilita captar os costumes de um determinado momento histórico que é vivido, mesmo que os decretos da documentação oficial possam apontar outras características e determinações.

Toninho ganhou um prêmio pela escrita de um conto, e segundo o mesmo, *o conto brotara de uma cena que vira à porta de uma farmácia*. Isso dá bem conta da saúde na cidade de Goiânia. A narrativa continua explicando a cena que inspirou o conto:

A mulher magra estava com o filho morto nos braços, agachada no passeio, os olhos abobados no vaivém dos caminhantes. Conversara com ela. Não tinha marido, não sabia de quem era o filho. Apenas dela. O pai de criação a botara no mundo ainda menina e ficou como bate-enxuga de trabalhadores pelas roças. Depois do filho, sempre perrengue, a decadência veio completa. Procurara a Santa

---

<sup>11</sup> “Ao decidir-se pela edificação de uma cidade moderna, o interventor Pedro Ludovico Teixeira – que era médico – pretendia que a nova capital privilegiasse a saúde dos habitantes, que seriam atendidos com abastecimento de água, rede de esgotos sanitários, coleta de lixo e regulamentação das construções, segundo parâmetros ideais de higiene e conforto.” (FREITAS, 1999: 239)

<sup>12</sup> “O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1979) desenvolve o conceito de habitus definindo-o como um sistema de disposições, representações e práticas sociais, resultado da interiorização das estruturas objetivas; caracteriza-se por um sistema comum a um grupo ou classe.” (SAGLIO-YATZIMIRSKY, 2006: 128)

Casa para tratar do menino, mas não havia vagas, e muita gente dormia nas proximidades do prédio. No dia seguinte o médico receitara, dizendo que o caso era grave e não tinha o remédio indicado. Quando conseguiu uma farmácia que lhe aviasse a receita, de graça, saiu um pouco para dar de mamar ao filho. Aí é que viu que já era defunto. (BRASILIANSE, 2002: 162)

Notamos que essa cena possui algumas semelhanças com a situação existente na década de 1940 e descrita por Freitas:

Decresceu, no período considerado, o índice relativo a doenças do aparelho circulatório, possivelmente em decorrência das campanhas de erradicação de endemias e pandemias, levadas a efeito por organismos governamentais. Aumentaram, todavia, os percentuais relativos a mortalidade pré-natal/neonatal, bem como as mortes violentas, marca dos aglomerados urbanos de crescimento populacional desordenado. A falta de assistência médica foi responsável por 38% dos óbitos ocorridos em Goiânia, nos anos de 1941-1942. (FREITAS, 1999: 279)

Notamos a expressiva quantidade de óbitos registrados tendo como motivação a falta de assistência médica. Isso significa que mortes poderiam ter sido evitadas se houvesse um cuidado com a saúde das pessoas, porém como nem todas possuíam condições financeiras de arcarem com um tratamento particular recorriam à assistência pública, que conforme fica evidente, tanto pela observação de Toninho ou pelas análises feitas por Freitas, não encontravam um atendimento satisfatório. Isso quando encontravam, pois faltavam vagas, ou seja, a Santa Casa – uma das instituições que atendiam as pessoas gratuitamente – não suportava atender toda a demanda, conforme a presença de filas e a falta de vagas tornam isso evidente.

Os socorros voluntários prestados pelo *bondoso* Dr. Ferreira também servem como referência da precariedade do atendimento à saúde. Ele é sempre procurado e sempre atende as pessoas em diversos trechos do romance. Indiferentemente se quem o procurava possuía recursos financeiros para pagá-lo, sua intenção era ajudar as pessoas e salvar-lhes a vida. Essa é uma das questões que perpassam todo o romance. A doença como parte da existência das pessoas e a não recepção da cidade em acudir tal situação, dependendo de pessoas caridosas como Dr. Ferreira. As dificuldades enfrentadas pelas pessoas apontam a inexistência de uma cidade lócus da saúde, apesar de ser idealizada com essa possibilidade.

#### IV.

O lazer é também componente do viver citadino. O romance apresenta algumas das opções de lazer na cidade de Goiânia. Uma dessas práticas é narrada numa observação de Joviano sobre a cidade:

Lá embaixo estava a Avenida Anhanguera, onde se realizava o *footing* de rapazes e moças, entre a Praça do Bandeirante e a Rua Seis, quando não chovia. (BRASILIANSE, 2002: 274)

Neste trecho é falado sobre o *footing*, prática de caráter urbano, explicada por Oliveira:

Consistia em passeios geralmente de jovens por certas partes da cidade, aos domingos, após o término da primeira sessão de cinema (por volta das dezoito horas) e ia até o início da noite. Também chamado de vai-e-vem, ele era uma

prática de diversão em que o fim se confundia com o meio: não se caminhava para chegar a algum lugar, mas simplesmente por caminhar. (OLIVEIRA, 1999: 55)

O autor apesar de vincular tal prática à *apreciação estética da metrópole moderna* defende que isso seria um desvirtuamento em face da impossibilidade de dizer que Goiânia fosse uma metrópole antes dos anos 60, por ser este o período em que situa a cidade como metrópole ou moderna e o momento onde esta deixa de ser tradicional ou provinciana. Acrescenta ainda que *faltava ao footing de Goiânia, o anonimato que somente a multidão metropolitana poderia conceber*. (OLIVEIRA, 1999: 56). Quanto ao anonimato podemos perceber já no romance sua presença na multidão num diálogo entre Toninho e seu amigo Alfredo:

Ao passar pela porta de um bar viram um ajuntamento. Logo alguém lhes informou que um sujeito havia matado um sargento pelas costas. Havia coágulo de sangue no asfalto.

- Esses bares daqui são azarados, já notou?

- Não tinha posto sentido.

- Quase todo bar daqui foi batizado com morte. Até suicídio tem dado. Lembra-se daquele meu colega?

- Lembro.

- Também Goiânia já é cidade grande e em todo centro assim desenvolvido o ar é de tragédia. (BRASILIANSE, 2002: 127)

É uma responsabilização ao fato do desenvolvimento e crescimento da cidade trazerem consigo esse ônus. O fato do desconhecimento das pessoas que morrem já pode ser notado como característica da cidade grande. Tratam-se de dois jovens que cresceram com a cidade, que diferentemente dos comentários de uma geração mais velha, especialmente Joviano, onde na maioria dos momentos os comentários e evocações lembram pessoas conhecidas, onde as pessoas são nominadas e não apenas *um sujeito que havia matado um sargento*. Noutro momento essa narrativa é reforçada:

A população da cidade já era bem crescida, a todo momento surgiam caras novas pelas ruas. Milhares de fisionomias estranhas. Andava-se no meio de uma multidão sem se notar um conhecido. (BRASILIANSE, 2002: 188/189)

Persistia em paralelo a esse desconhecimento das pessoas alguns hábitos de cidade pequena, onde muitas pessoas se conheciam:

Tinha o costume não contar coisas tristes em casa, apesar de saber de tudo que se passava na cidade, pelos comentários nas construções. Muitos trabalhadores se vingavam do orgulho de ricos, divulgando coisas podres a respeito deles. Coisas que eram sabidas por intermédio de namoradas que trabalhavam em tais casas. (BRASILIANSE, 2002: 60)

Ou então quando da chegada de Joaquim a cidade e a forma que ele descobriu o endereço de Joviano e Dona Fia:

- Onde vem assim, Quinca?

- De São Paulo. Acertei com a casa de vocês indagando daqui e dacolá. Jove é muito conhecido aqui. (BRASILIANSE, 2002: 61)

Acreditamos que a presença tanto de uma prática de lazer considerada característica das cidades modernas persistir juntamente com características de uma cidade pequena apontam a impossibilidade de se dizer que a cidade de Goiânia naquele

momento seja moderna ou não-moderna. Tentar delimitar uma fronteira para esses momentos seria induzir a uma homogeneidade não presente.

O Jóquei Clube é sempre evocado como um lugar de lazer, frequentado especialmente por pessoas da alta sociedade, seja Waldo, Noêmia ou Dr. Ferreira. Num diálogo entre Toninho e Noêmia, ele questiona se ela fora ao Jóquei Clube:

- Foi ao baile do Jóquei?

- Não.

- Waldo me disse que havia dançado muito com você...

- Disse? Certas horas chego a ter dó de Waldo. É o tipo do glostorado, exibicionista, espanta qualquer moça que não seja leviana. Não é meu tipo. (BRASILIENSE, 2002: 69)

Ou quando Dr. Ferreira se lembra da primeira vez que levou Santinha ao Jóquei Clube:

(...) A primeira noite que resolvera levá-la ao Jóquei Clube uma onda de preconceitos os envolveu, mas logo os cartões de noivado puseram fim à fervura dos mexericos. (BRASILIENSE, 2002: 105/106)

Percebe-se assim o caráter elitista do lugar. Tanto que foi preciso uma decisão do médico em levar a filha de um operário da construção civil para um evento lá realizado. O receio foi confirmado com a onda de preconceitos que os envolveu quando lá chegaram.

Campinas é lembrada como um lugar os homens podem conhecer as moças:

- *Merci, mona ami*. Vou rebater, sabe? Estou chegando agora de Campinas. Pousei por lá, com uma morena daqui...

Pegou na ponta da orelha, os dentes sujos escorando um sorriso cretino. Teria lavado as mãos? Não, não havia apertado a mão dele. (BRASILENSE, 2002: 159)

É interessante esse ponto, pois é um dos raros momentos do romance onde é citado o Bairro de Campinas. Pensamos em duas hipóteses para essa questão. A primeira dá conta de que existia uma segregação entre Campinas e Goiânia e que tais localidades não viviam harmoniosamente. O silêncio talvez seja uma forma de se ignorar o Bairro de Campinas. Na segunda hipótese ao invés disso, Campinas significaria tal qual os demais bairros apenas mais um bairro e que não lhe haja diferença ou mesmo indiferença. Por justificativa dessa hipótese teríamos as características da narrativa de Eli Brasiense, que não se furtaria em criticar aquilo que o perturbava. Acreditamos, contudo que havia uma determinada distância maior que a do bairro operário, especialmente pelo fato de que o mundo em torno do qual gira o romance são os bairros operários e a cidade planejada. Cabe ressaltar que Campinas também abrigava trabalhadores da construção civil, mas no romance não são situados. É uma situação de um centro irradiador do capital-trabalho e os direcionamentos provenientes do radial para o centro e vice-versa. Todavia, ainda se tratam de hipóteses, fato é que também acreditamos na existência de fronteiras sociais e espaciais entre o plano inicial e Campinas<sup>13</sup>, apenas ainda não temos nítido o comportamento do romance quanto a isso.

Outra prática de lazer também presente é a ida ao Cinema como podemos perceber nesse diálogo entre Toninho e Noêmia

---

<sup>13</sup> OLIVEIRA (1999)

- Pensei que estivesse no cinema – falou aproximando-se.
- Hoje é reprise. Fui ontem com mamãe. Bom filme. Não me diga que você não assistiu ao famoso “Luzes de Ribalta”.
- Gosto muito de Carlitos mas não pude ir. (BRASILIENSE, 2002: 68)

A estranheza de Noêmia por Toninho não ter assistido ao filme clássico de Charles Chaplin pode ser entendida como que o cinema era um lugar comum entre os dois. A ida de Noêmia com sua mãe ainda evidencia que se trata também de um ambiente familiar. Freitas, ao comentar sobre o lazer na cidade fala também sobre o cinema:

Por essa época, os três cinemas existentes na cidade eram locais de encontro e de diversão. No Cine Teatro Goiânia, inaugurado à época do batismo cultural, dançava-se no hall, em animadas vesperais que precediam o início do filme programado. Antigo hábito interiorano, o passeio na praça foi incorporado ao lazer da nova capital, sob o rótulo de footing na avenida Goiás. Agremiações sociais e recreativas, bem como clubes de futebol congregavam os diversos segmentos da sociedade em formação. Os mais simples e os mais pobres buscavam distrair-se em pescarias ou em peladas suburbanas. (FREITAS, 1999: 272)

Aqui Freitas considera o passeio na praça como um hábito interiorano, ou seja, não seria uma característica moderna. Acreditamos que podemos dizer tratar-se de uma prática híbrida, ou seja, uma incorporação de valores inspirados na prática do footing, mas que se moldou conforme a população vivente na cidade.

Frequentar casas de prostituição também era uma das alternativas de lazer dos homens da cidade, conforme observa Oliveira:

A maior concorrência dos bares eram as casas de tolerância, em Campinas: as principais eram as da Maria Branca, da Virgulina, da Maria Bonita e da Etelvina, todas em Campinas. Elas eram frequentadas tanto pela elite goianiense (chefes de alguma repartição pública), quanto pelos operários. (OLIVEIRA, 1999: 55)

Ou conforme também observa Freitas:

Os bordéis de Campinas funcionavam, igualmente, como locais de encontro. Dentre eles o de Ana Bagunça e o de Maria Branca, que era freqüentado por figurões do mundo político: “...parece que ao tempo era de bom tom, ou era uma alta recomendação a notícia de que um alto funcionário era freqüentador de bordel” (FREITAS, 1999: 266)

Uma narrativa faz uma fantástica descrição desse mundo do cabaré, quando Toninho faz uma visita ao cabaré Sonho Azul, que não é situado geograficamente na cidade, daí não podemos dizer se situa em Campinas, como apontam os trechos anteriores sobre aonde se situavam esses bordéis. Toninho está a algum tempo sem frequentar o lugar por conta da morte de uma das prostitutas do lugar, mas a convite de Waldo acabara por parar lá:

Depois do suicídio de Tianinha não frequentara mais o cabaré. (...) Conhecia muito bem o corpo de Tianinha entregando-se como rameira experiente e sentia-se também responsável pela morte dela, porque se aproveitara de sua juventude perdida. A miséria em casa dos pais a levava à prostituição. Homens endinheirados lhe deram notas sujas para que sua fome passasse e sua virgindade morresse. (...) Waldo parou o carro à porta do SONHO AZUL, onde havia caras novas.



O fato de conhecer caras novas revela a constância das visitas ao lugar. A condição econômica foi determinante para que aquela mulher se lançasse no mundo da prostituição. Possuía fome. Não possuía dinheiro. Para saciar a fome precisava de dinheiro. Homens lhe ofereceram dinheiro. Em troca queriam seu corpo. E tiveram. Sucessivamente os homens usufruíram daquela *rameira experiente*. É a mulher como mercadoria. Essa ideia de mercadoria fica ainda mais evidente com o escrito na parede do lugar:

Sempre que ia àquele cabaré encabulava-se com as letras grandes do CONSUMAÇÃO OBRIGATÓRIA, na parede do fundo, perto da orquestra. Era um perfeito edital. (...) No salão havia movimento, havia gargalhadas histéricas, muitos caftens trançando entre as rameiras. A orquestra tocava um samba. O trombone imitava uma gaitada de deboche, para depois iniciar um choro que o pistão e a clarineta acompanhavam em surdina. (...) Os pares se arrastavam pelo salão, com a frieza de um troço estrangeiro que substituiu o samba. Algumas mulheres tresnoitadas cochilavam ao ombro de homens suados e vermelhos. Um samba para acompanhar um enterro seria menos impróprio do que aquela música viscosa num ambiente que precisava de animação. (...) Toninho percebera que a túnica dos guardas estava estufada por causa dos revólveres de cana longo. Em outra mesa um professor do Colégio fazia carícias a uma mulher de sorriso parado. Deveria estar bêbada ou esgotada. – Bucleiro! (...) Quando a orquestra parou todos procuraram suas mesas, alguns embaraçando-se nas próprias pernas. (...) No meio daquele salão caíra Tianinha como prato apetitoso para mexericos e piedade hipócrita. Por que se julgava tão culpado pela morte dela? Havia desertado o mundo do nojo daquela vida, depois de ver que não passava de pedaço de carne na boca de cães. Fora medo da degenerescência total, quando os lobos esfomeados procurassem outros repastos? Covardia, pela inexperiência da vida, surpresas do ambiente dos alcoices, falta de roteiro para uma reabilitação. Agora ele a concebia pura, entregando-se inocentemente com o desejo de agradar, sem saber que os homens jogavam imundície na sua alma. Não, estava fazendo um julgamento tardio, idiota. Tianinha era mulher da vida. Um dia um homem mau lhe deu dinheiro, porque estava com fome. Quando os homens maus estavam com fome ela lhe entregava seu corpo. Estaria ali no meio do salão, pisada por aqueles dançarino bêbados? Limpou o suor da testa, teve ímpetos de voltar. (BRASILIANSE, 2002: 85-87)

CONSUMAÇÃO OBRIGATÓRIA. Essas são as palavras que remetem ao mundo em que está. O mundo da mercadoria e do consumismo. Uma banda tocava. O entendimento e a perspicácia descritiva dessa banda por Toninho é um olhar observador. Ali, naquele momento, assimilamos a atitude de Toninho como observador que vê o lugar e concatena suas reflexões expostas pelo narrador que domina a escrita. Essa aproximação com a prostituta, mesmo que confusa, nos lembra a atitude de Baudelaire que segundo Menezes,

Identificou-se com todos os marginais da sociedade: as prostitutas, os bêbados etc. Não é comum para um rebelde de sua classe igualar-se à parte “suja” da sociedade. Baudelaire interpretou a sociedade em que viveu, o processo opressivo de sua banalização. A sociedade inteira estava comprometida com um tipo de prostituição gigante: tudo estava à venda e o escritor, entre todos, foi um dos que mais se prostituíram, pois ele prostituiu sua arte. Baudelaire tinha outras opções, podia tornar-se um escritor mercenário, e isso seria pior que vender o corpo. Ele voluntariamente apropriou-se do lugar da prostituta e, mais que ter aceito tal identidade sobre si pela necessidade bruta, ele a manteve. (MENEZES, 2004: 70)

Longe de se aproximar dos escritos de Baudelaire, o romance não deixa de transparecer essa relação do consumismo e do materialismo. As piedades contra aqueles que se esfacelam diante do sistema não passam de pura hipocrisia tal quais aqueles que após alimentarem a fome de Tianinha em troca de seu corpo se apiedam. A morte dela não mudou aquele mundo. Sobre o mesmo salão que seu corpo se estirou ao chão as pessoas dançavam e transitavam. Os lamentos se acabaram tal qual a música da banda. É uma coisificação do humano que Toninho tenta entender e colocar-se no lugar da prostituta que se suicidara. Toninho. Tianinha. Os nomes se aproximam, provocando ainda mais um efeito de empatia, onde Toninho tenta entender Tianinha. Seu espanto e sua angústia final pode ser o fato de ter percebido que em verdade ele também poderia ser Tianinha.

## V.

Heterogênea, múltipla, ambivalente, contraditória ou lugar de diferenças. São palavras que podem definir a cidade percebida neste trabalho. O romance *Chão Vermelho* nos possibilitou perceber a cidade e seus atores sociais. Mostrou pontos de vista que se contrapõem a muitos dos debates em torno dos quais giravam as discussões acerca da cidade.

Acreditamos que o romance revela uma sensibilidade acerca da cidade onde habitavam as personagens. Apesar de revelar uma multiplicidade o ponto de sustentação do romance é o mundo operário e os momentos em que as pessoas inseridas direta e indiretamente nesse mundo perpassam pelos demais mundos da cidade. Percebemos com nitidez que se tratava de uma sociedade que se percebia diferente. Pudemos perceber que a cidade era marcada por fronteiras simbólicas que dividiam os viventes da cidade. Fronteiras essas nascidas desde a origem da cidade, sendo nítido no romance que não havia, em regra, uma comunhão entre aqueles que estavam no mundo operário da construção civil e os que se postavam como seus patrões. Senão em relações laterais ou de camaradagem, não percebemos uma relação estreita entre patrões e empregados. Esse aspecto é intenso no correr do romance e a sua intensidade, a nosso ver, revela muito da cidade, por isso optamos por destacar esse debate.

Não havia uma harmonia geral na cidade. É impossível afirmar que não existiam distinções sociais e espaciais. A separação espacial revela materialmente uma divisão presente nas formas de sociabilidade e nos sentimentos das personagens. Pudemos perceber que tais divisões se faziam sensíveis ao olhar das personagens.

Observamos que a cidade não deixa de apresentar características associadas ao moderno e ao progresso. Entretanto, durante o romance tais questões não são a pauta do dia. São perceptíveis, o que revela sua presença, ora desejada e vivida, ora vivida e indesejada, ora indesejada e não vivida. Pudemos perceber a forma que transitavam características modernas e seu contrário naquela sociedade. Percebemos assim a incapacidade de delimitarmos uma definição de cidade como sendo moderna ou não moderna. Aqui observamos o quanto lidar com a literatura foi enriquecedor nesse sentido. Afinal, grande parte dos estudos que tratam da cidade de Goiânia em seus anos iniciais pretendem responder se Goiânia seria moderna ou não? Chamo tal indagação de uma proposição excludente, tendo em vista que as possibilidades de respostas são excludentes, ou seja, é uma *ou* a outra. Acreditamos na pertinência de mudar a

composição desta indagação. Pensando assim em outra possibilidade de interrogação que terá como resposta uma proposição includente, ou seja, isto *e* aquilo ao mesmo tempo. Afinal a resposta começa pela pergunta. Existem situações onde não é possível definirmos uma homogeneidade compositora de uma realidade tal. Podemos então dizer que tais situações includentes são exemplos de ambivalência na trama histórica. Conforme pudemos observar no romance, pela cidade transitavam estas características múltiplas sobre o humano e o espaço urbano.

Essas contradições perpassam todo o romance e revelam de que forma a cidade é também um espaço de exploração do humano. Acreditamos que essas contradições fazem parte de uma leitura do romance como além do desejo de representar a cidade. Quero dizer, as linhas do romance não são apenas formas da cidade vivida, são também representações, mesmo que não presentes fisicamente, mas desejosas de o serem. Nesse sentido, quando o romance apresenta uma cidade e sociedade marcadas por algumas críticas não está encerrando a discussão ali.

Podemos observar no romance essas contradições em torno do humano que se assentavam na cidade e que algumas personagens corporificando e corroborando os pensamentos do narrador criticavam, mesmo que de formas aparentemente sutis. O último parágrafo do romance, quando o narrador exterioriza os pensamentos de Joviano refletindo sobre a metáfora da cidade como uma amada infiel, a nosso ver, revelaria uma não desistência. Revelando que apesar do que aconteceu em todo o romance, apesar das desigualdades gritantes perceptíveis na cidade, ele não desistira. Afinal, ainda assim, talvez para mediar existissem momentos de felicidade durante o romance.

Joviano continuou a olhar a cidade. Era como mulher infiel entregando-se a trastes como Juventino, expulsando gente pobre de seu chão vermelho transformado em outro. No princípio era apenas o chão vermelho, terra à-toa para procissões de saúvas e armações de cupins. Agora era reboliço de muito povo. Lugar de maquinações de traficantes, cidade grande. Mesmo assim não a abandonaria nunca. Tinha muito de seu braço, possuía grande parte da coragem da esposa que se fora. Amada infiel, mas sempre amada. Os homens deveria ser como Ferreira, com Sancho, como o carroceiro Manoel e muitos outros que não eram trastes. Amavam a vida e o seu trabalho, não se deixavam vencer pelo desespero. Nem santos nem heróis, apenas homens. (BRASILIENSE, 2002: 275)

Desta forma, Eli Brasiense, conforme pudemos observar neste trabalho revelou uma cidade que era experiência humana e não apenas conceitos acerca do social. Possibilitou perceber algumas das angústias que envolviam as personagens e a si mesmo naquele momento histórico. Experiências essas marcadas pela experiência da incerteza que definitivamente começava adentrar a cidade, como é observado com a morte de Dona Fia, base importante de sustentação durante a narrativa da personagem Joviano, que ainda assim não desistiria e continuava a assuntar e viver a cidade.

O grito soado no silêncio da narrativa de Chão Vermelho faz um convite ao leitor: olhe a cidade, perceba essas contradições que a rondam, percebam e assuntem a cidade. Assim tentamos fazer nesse trabalho, não acreditamos e nem intentávamos encerrar os debates em torno do romance, mas esperamos tal qual o romance, que tenhamos ampliado o convite de Brasiense, para que as pessoas olhem para a cidade a fim de não apenas contemplá-la, mas de assuntá-la.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Clarismar Gomes de. **A escolha do lugar para construção da nova capital do Estado de Goiás**. Goiânia: UFG. 2007. (monografia de graduação)
- ALMEIDA, Cristiane Roque de. **História e Sociedade em Bernardo Élis: uma abordagem sociológica de O Tronco**. Goiânia: UFG. 2003 (dissertação de mestrado)
- ALMEIDA, Nelly Alves de. **Estudos Sobre Quatro Regionalistas**. Goiânia: UFG. 1968.
- \_\_\_\_\_. **Presença Literária de Eli Brasiense: estudo crítico-histórico-biográfico : seleção de textos : notas explicativas**. Goiânia: UCG, 1985.
- ARRAIS, Cristiano Pereira Alencar. **Identidade e cidades de fronteira, um estudo sobre a construção de Goiânia a partir do conceito de momento de fronteira**. Goiânia: UFG. 2003. (dissertação de mestrado)
- \_\_\_\_\_. **Projeções urbanas - Um Estudo sobre as Formas de Representação e Mobilização do Tempo na Construção de Belo Horizonte, Goiânia e Brasília**. Belo Horizonte: UFMG. 2008. (tese de doutorado).
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.
- \_\_\_\_\_. **Trabajo, Consumismo y nuevos pobres**. Barcelona: editora Gedisa. 1999.
- BERNARDES, Genilda D'Arc. **Construtores de Goiânia: O cotidiano no mundo do trabalho**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1989. (dissertação de mestrado)
- BORGES, Barsanufu Gomides. **O despertar dos dormentes: estudo sobre a Estrada de Ferro goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais: 1909-1922**. Goiânia: Cegraf, 1990. (coleção documentos goianos).
- BOTELHO, Tarcisio Rodrigues. **Goiânia: cidade pensada**. Goiânia: Ed. da UFG, 2002.
- BRASILIENSE, Eli. **Chão vermelho**. Goiânia: IGL, AGEPEL. 2002. (Coleção Karajá)
- CAMPOS, Itaney Francisco. **Notícias históricas do bairro de campinas**. Goiânia: Prefeitura de Goiânia. 1985.
- CERTEAU, Michael de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2002.
- CHAUL, Nasr N. Fayad. **A construção de Goiânia e a transferência da capital**. Goiânia : UFG, Centro Editorial e Gráfico. 1988. (Documentos goianos; ; n.17).
- \_\_\_\_\_. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia. Ed. da UFG. 1997.
- COSTA, Castro. **Goiânia, a metrópole do oeste**. Goiânia: Prefeitura de Goiânia. 1985.
- CRUZ, Claudio. **Literatura e cidade moderna: Porto Alegre 1935**. Porto Alegre: EDIPUCRS / IEL. 1994.
- ENGELS, Friedrich. **O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem**. São Paulo: Global editora. 1982.
- FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. **Saúde e doenças em Goiás: a medicina possível: uma contribuição para a história da medicina em Goiás**. Goiânia: Editora da UFG. 1999.
- GOMIDE, Cristina Helou. **Centralismo político e tradição histórica: cidade de Goiás (1930-1978)** . Goiânia: UFG. (dissertação de mestrado)

- GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. **Goiânia: uma modernidade possível**. Brasília: Ministério da Integração Nacional: UFG. 2002. (Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas)
- GIUCCI, Guillermo. **A vida cultural do automóvel - percursos da modernidade cinética**. São Paulo: Editora Civilização Brasileira. 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- JARY, Marcus. **Futebol, Sociabilidade e Psicologia de Massas: Ritos, Símbolos e Violência Nas Ruas De Goiânia**. Pensar a Prática 10/1: 99-115, jan./jun. 2007
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 1992.
- LIMA, Nísia Trindade; INSTITUTO UNIVERSITARIO DE PESQUISAS DO RIO DE JANEIRO. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM: Revan, 1999.
- MACHADO, Lacy Guaraciaba. **O Narrador em Eli Brasiliense: uma voz entocaiada**. Goiânia: UFG. 1989. (Dissertação de Mestrado)
- MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1996.
- MARTINS, J. de Souza. **Fronteira**. A degradação do outro no confins do humano, São Paulo: Hucitec, 1997.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru: EDUSC. 2002.
- MELO, VICTOR ANDRADE DE. **O automóvel, o automobilismo e a modernidade no Brasil (1891-1908)** in: Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 30, n. 1, p. 187-203, set. 2008.
- MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Como nasceu Goiânia**. São Paulo: REVISTA DOS TRIBUNAIS. 1938.
- OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. **Imagens e mudança cultural em Goiânia**. Dissertação de Mestrado UFG. 1999.
- PALACIN, Luiz. **Fundação de Goiânia e desenvolvimento de Goiás**. Goiânia: Oriente, 1976.
- PEREIRA, Isabel Cristina Auler. **“Corpo Fechado”**: símbolo de resistência no sertão em pium e uma sombra no fundo do rio de Eli Brasiliense. Brasília: UNB. 2002. (Dissertação de Mestrado).
- PESAVENTO, Sandra Jatahy **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, 2007, vol.27, n. 53
- \_\_\_\_\_. **O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. UFRGS. 2002.
- PREFEITURA DE GOIANIA. **Memória cultural**; ensaios da historia de um povo. Goiânia: Editora e gráfica ipiranga. 1985.
- REVISTA OESTE**. Goiânia, 1983 (Ed. fac-similiar)
- RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. **Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes**. Ed. da UCG, 2004.
- RUSEN, Jorn. **Razão histórica: teoria da historia: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Ed. UnB, 2001.
- SABINO JR, Oscar. **Goiânia documentada**. São Paulo: EDIGRAF. 1960.
- SAGLIO-YATZIMIRSKY, Marie-Caroline. **A comida dos favelados**. In Estudos Avançados. 2006, vol.20, n.58, pp. 123-132.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Brasiliense. 1999.

\_\_\_\_\_. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: companhia das letras. 1992.

SILVA, Ana Lucia da. **A revolução de 30 em Goiás**. Goiânia : AGEPEL. 2001.

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. **Memórias**. Goiânia, Livraria e Cultura, 1973.

UNES, Wolney. **Identidade art decó de Goiânia**. São Paulo: ateliê editorial; Goiânia: editora da UFG. 2001.

WIEDERHECKER, Clyce Louise; CHAVES, Elza Guedes; PEREIRA, Luís Araújo Pereira. **Memória social de trabalhadores da construção de Goiânia**. Cadernos. Nº 02 V. 1. Goiânia: 1987.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.